

## TRADUÇÕES DE HORÁCIO

GONÇALO SOUTO

### DA ODE 1.<sup>a</sup> DO LIV. 3.<sup>o</sup> DE HORÁCIO

Odeio a plebe ignara, e fujo dela;  
Atenção! . . . para as môças e meninos  
— Sacerdote das musas canto versos  
Que não foram ouvidos até hoje.

Se os reis temidos são dos próprios súditos,  
Temem por sua vez de Jove o império;  
— Jove afamado por vencer gigantes,  
Jove que tudo abala a um volver de olhos.

Acontece que mais do que outro um homem  
Faz grandes plantações; que ao campo márcio  
Desce um mais nobre pretendente, quando  
Outro em fama e costumes mais distinto  
O lugar lhe disputa; que aquêlo outro  
Mais clientes possui; a lei da morte  
Sorteia por igual plebeus e nobres;  
Não há nome que escape na grande urna.

Quando sôbre a cabeça a pender temos  
Desembainhada espada, nos não sabem  
Iguarias quaisquer, por mais gostosas,

Nem melodias das aves e cítara  
O sono traz-nos-ão

O brando sono  
Procura dos zagais a humilde choça,  
A umbrosa riba, e os amenos oceles  
Por brisas bafejados.

Quem deseja  
Apenas quanto basta não se importa  
Do proceloso mar, do furor sevo  
De Arturo ao pôr-se, ou do Hedo quando nasce;  
Nem que o granizo lhe verbere as vinhas,  
Ou lhe falhe o produto da herdade.  
Umás vêzes culpando a árvore as águas,  
Outras os astros que lhe os campos torram,  
E mais logo os invernos rigorosos.

Já o mar contrair-se os peixes sentem,  
Atiradas ao fundo ingentes moles:  
Aqui freqüente lança o empreiteiro  
Com os seus operários alicerces,  
E o senhor que da terra se enfastia.

Mas o mêdo e ameaças vão subindo  
Onde sobe o senhor, o atro cuidado  
Não se ausenta da nau rostrada, e toma  
Assento bem atrás do cavaleiro.

Se porém a quem sofre não suavizam  
Nem o mármore da Frígia, nem a púrpura,  
Mais brilhante que estrêlas, nem o vinho  
De Falerno e perfumes achementos,  
Por que fundar palácios de colunas  
A fazerem inveja, e forma nova?  
Por que trocar pelo Sabino valê  
Riquezas muito mais laboriosas?

Não brilha em minha casa  
Ebúrneo ou áureo fôrro, nem as traves  
Do Himeto comprimem  
Colunas nos extremos africanos  
Cortadas; nem herdeiro  
Ignoto — eu ocupei de Átalo os poços;  
Nem criadas fidalgas  
Púrpuras da Lacônia me deparam;  
Tenho, porém, lealdade  
E estro. Pobre — o rico me procura;  
Por mais não importuno  
Os deuses, nem mor cópia de ouro peço  
Ao opulento amigo,  
— Só co'a quinta Sabina assaz ditoso.  
Vem um dia após outro,  
E se vão sucedendo as luas-novas;  
Tu bem perto da morte  
Ajustas, cortas mármore, e casas  
Constróis, d'ela esquecido.  
Do mar que em baías freme te afadigas  
Por dilatar as praias,  
Já não te contentando a terra firme.  
Que muito é, se frequente  
Do campo os marcos próximos arrancas,  
E os têrmos dos clientes  
Ultrapassas — avaro? Conduzindo  
No seio os pátrios deuses  
E pobres filhos, são mulher e espôso  
Expelidos; contudo  
O palácio que aguarda o potentado  
É o de Orco rapace.  
Para que vás além? Abre-se ao pobre  
Igual terra à que se abre  
Dois reis aos filhos; nem do inferno o guarda,  
Pelo ouro seduzido,  
O sagaz Prometeu de nôvo trouxe.  
Êste o soberbo Tântalo

E a geração de Tântalo coarcta;  
Chamado ou não chamado,  
Ao pobre atende que assoberbam lidas.

(LIV. 1.º ODE 19.ª)

O que tem vida sã, costumes puros,  
De mauras lanças não precisa, ó Fusco,  
Nem de arcos e de aljava fornecida  
De hervadas setas;

Quer tenha de viajar por estuosos  
Fraguedos, quer nas solidões do Cáucaso,  
Ou pelos sítios, em que o fabuloso  
Hidaspe corre...

Assim é que, cantando a minha Lálage,  
Sem cuidados vagava além das raias,  
E no bosque Sabino fiz — inerte —  
Fugir um lóbo.

Monstro, como êsse, a belicosa Daunia  
Nos seus extensos azinhais não cria,  
Nem a terra de Juba — mãe adusta  
De leões — gera.

Põe-me em campos estéreis, onde a brisa  
Estiva não bafeja árvore alguma,  
— Em regiões batidas por neblinas,  
Por cruel frio;

Põe-me lá onde o sol bem perto esteja,  
— Em terra que habitar jamais foi dado...  
Lálage eu amarei de doce riso,  
De falas doces.

Mais duradouro que o bronze  
Levantei um monumento,  
E mais alto que as pirâmides,  
De reis funéreo aposento.

Desarraigá-lo não pode  
A voraz inundação,  
Fôrças não tem que o destruam  
O furioso Aquilão.

Nem série inúmera de anos,  
Ou do tempo o caminhar,  
De todo não morrerei;  
Não há de a morte roubar

Muita parte de mim mesmo.  
Sempre môço viverei  
Com o louvor dos vindouros,  
Com a glória que terei.

Enquanto, da virgem tácita  
Acompanhado, subir  
Ao Capitólio o Pontífice,  
Enquanto Roma existir.

Onde o violento Aufido  
Murmura, onde governando  
Povos rudes viveu Dauno,  
Falta d'água suportando,

Eu, — de humilde poderoso,  
Me hei de em fama ver imerso  
Por ter primeiro o eólio  
Mudado em latino verso.

Orgulha-te, ó Melpomene,  
Tôda a minha glória é tua;  
Cirge-me a fronte — benigna,  
Como Apolo cinge a sua.

Novas tormentas, ó nau,  
Outra vez levam-te ao mar.  
Oh! que fazes?... Toma o pôrto;  
Se não, vais a soçobrar.

Pois não vês que as amuradas  
Se conservam de remeiros  
Desamparadas?

Que ao sôpro de Áfrico irado  
Rangem antenas e mastro  
Quase quebrado?

Que sem amarras, difficilmente,  
A quilha pode  
Sofrer embates da onda fremente?...

Velas inteiras não tens contigo;  
Já não tens deuses,  
Para invocares em tal perigo.

Bem que pirheiro do Ponto,  
— Dessa nobre selva filha,  
Tenhas orgulho da origem  
E do nome, que não brilha;

Tímido o nauta  
Não mais confia  
Em naus pintadas,  
Como soía.

Se não pretendes  
Ludíbrio ser  
Dos ventos, debes  
Cautela ter.

Davas-me, há pouco,  
Desgosto intenso,  
Hoje saudade,  
Cuidado imenso.

Evita quanto antes,  
Os mares, que se espraíam  
Nas Cícladas brilhantes.

(LIV. 1.º ODE 20.ª)

De carpir um amigo tão querido  
Quem terá pejo, pondo têrmo ao pranto?  
Vem, portarito,  
Melpomenz, ensinar-me endechas tristes,  
Pois de Jove co'a lira voz celeste  
Recebeste.

Mas Quintílio morreu?!... Quando acharemos  
Quem o possa igualar em probidade,  
Em fé pura, essa irmã q' da justiça,  
E na pura verdade?

Sim; êle morreu, chorado  
Por muitos homens de bem;  
Pranteá-lo, porém, sabe  
Virgílio mais que ninguém.

Piedoso aos deuses  
Embalde pedes  
Quintílio. Ah! êles  
Sòmente o deram  
Para tirá-lo,  
Quando quiseram.

Embora toques mais suavemente  
A lira, que do trácio Orfeu as árvores  
Levava em seguimento,  
Voltar não há de a vida à vã imagem,  
Que uma vez de Mercúrio o caduceu  
Juntou ao negro armento;

Que rogos não podem,  
Por mais reiterados,  
Induzir Mercúrio  
A mudar os fados.

Dor a esmagar-te  
O coração !  
Mas que remédio  
Há para o mal,  
Quando fatal?  
— Resignação.

(LIV. 1.º ODE 26.ª)

Que pede a Apolo o poeta,  
Consagrando-lhe um altar?  
Que lhe pede ao derramar  
O vinho nôvo da taça?

As pingues searas da fértil Sardenha,  
Os lindos armentos da quente Calábria,  
O ouro e da Índia o marfim, não pede;  
Não pede também os campos que banha,  
Com águas serenas, Líris taciturno.

Co'a foíce Calena podem  
As vidas êsses a quem  
A fortuna as concedeu,  
E o opulento mercante, em copos d'ouro,  
Beba os vinhos comutados  
Pelos perfumes da Síria,  
— Dos próprios deuses querido,  
Pois visita impunemente,  
Três e quatro vêzes no ano,  
O mar Atlântico.



Para mim bastam  
As oliveiras,  
É co'a chicória  
Malvas ligeiras.

O' filho de Latona, dá que eu frua,  
De corpo são e d'espírito,  
Peço-te, os bens que possua,  
E que, não me faltando a lira amada,  
Venha a ter velhice honrada.

(LIV. 2.º ODE 3.ª)

Lembra-te, Délio, nos lares custosos,  
De conservar alma igual:  
Assim como fugir, nos venturosos  
De um prazer descomunal.  
Pois que hás de morrer, ou tenhas  
A vida triste passado,  
Ou sempre alegre, — deitado  
Na relva longínqua, em dias  
Festivos, bebendo o velho  
Falerno, que possuías,

Onde o alto pinheiro e branco choupo  
Gostam de entrelaçar  
Os ramos, dando sombra hospitaleira  
E a linfa a s'escoar,  
No sinuoso rio,  
Com doce murmúrio  
Forceja caminhar.

Vinhos, perfumes, e fragranças rosas,  
Flôres mimosas, que tão breve murcham,  
Aqui manda trazer,  
Enquanto os teus negócios, tua idade,  
E da trina irmandade o negro fio  
Te querem conceder.

Deixarás bosques comprados,  
Palácio, e quinta que banha  
O louro Tibre; tamanha  
Riqueza, sim, deixarás,  
— Tantos bens acumulados,  
Ao herdeiro que terá.

Que sejas rico e descendas  
Do antigo Inacho, ou pobre,  
Sem ter nascimento pobre,  
Nem sequer habitação;  
Não importa, serás vítima  
Do inexorável Plutão.

Ao mesmo fim todos vamos;  
De todos na urna volve-se  
A sorte, que há de sair  
Mais tardia ou mais depressa,  
Na barca devendo a eterno  
Exílio nos conduzir.

(LIV. 2.º, ODE 13.ª)

No largo mar Egeu colhido o nauta,  
Quando nuvem escura encobre a lua,  
E não refulgem astros que o guiem,  
Descanso pede aos deuses;

Furiosa na guerra, o pede a Trácia,  
Pedem-no os Medos, d'aljava adornados,  
Descanso q' não compram, caro Gresfo.  
Gemas, púrpura e ouro.

D'alma as tribulações e os cuidados,  
Que em tórno adejam de entalhados tectos,  
Não podem removê-las as riquezas  
O lictor consular.

Feliz com pouco vive quem paterno  
Saleiro vê luzir na frugal mesa;  
O mêdo lhe não tira o leve sono,  
Nem sórdida cobiça.

Para que tamanha lida,  
Se é tão breve a nossa vida?  
Por que terras aquecidas  
Por outro sol procuramos? . . .  
Com exilar-nos da pátria  
De nós também exilamos? !

O vicioso cuidado  
Sobe às naus rostradas,  
E seguem os esquadrões,  
— Que o servo mais ligeiro,  
Mais rápido que o Euro  
A transportar bulcões.

Alegre do presente, nosso espírito  
Curar não queira de cousas futuras,  
E com riso modesto dulcifique  
Da vida as amarguras.

Na terra não há  
Perfeita ventura:  
Rouba o grande Aquiles  
Morte prematura.  
A Titão definha  
Velhice, que dura.  
Quem sabe se a dar-me  
O tempo não venha  
Aquilo que a ti  
Recusado tenha!

Greis possuis numerosas e armentios  
Na Sicília a pastarem;  
Animais adaptados a quadrigas  
Quantos a relincharem!

Vestes as lãs duas vêzes  
Tintas n'africana púrpura;  
A mim, porém, só me deu  
A Parca sempre infalível  
Pequena herdade, e algum tanto  
Dêsse fogo que incendeu  
A musa grega; e a fôrça  
De desprezar a inveja,  
O detratar do plebeu.

(LIV. 3.º ODE 10.ª)

O povo, César, que fôra  
Em busca de louros, diz-se,  
À custa da própria vida,  
Vitorioso, como Hércules,  
Volta, enfim, da plaga hispana  
À sua pátria querida.

Rendendo graças  
Aos justos deuses,  
Mostre-se a espôsa,  
Que para êle  
Fiel foi sempre,  
Sempre amorosa.

Mostre-se a irmã também  
Do comandante preclaro,  
Com a fita suplicante  
Ornadas as mães das virgens,  
E dos mancebos, que salvos  
Traz-nos êle neste instante.

Moços e môças  
Que haveis perdido  
Pais e maridos,  
Sejam os têrmos  
De mau agouro  
Por vós banidos.

Este dia, para mim  
Festivo, regos cuidados  
Afastará civil guerra,  
Nem morrer por vilania,  
Temerei, enquanto César  
Tiver a posse da terra.

Criado, vai;  
Essências, c'roas,  
Vinho procura,  
Que rememore  
A guerra Mársia,  
Se porventura

De Espártaco às correrias  
Alguma talha escapou.  
E dize à cantora Neera  
Que o perfumado cabelo  
Ate apenas com um laço,  
Não dando lugar à espera.

Se do porteiro  
Aborrecido  
Qualquer demora  
Originar-se,  
Não faças caso,  
E vem-te embora.

O cabelo, que embranquece,  
Acalma os ânimos cúpidos  
De litígios e porfia;  
Em meu ardor, quando môço,  
No consulado de Planco,  
Eu o não suportaria.

(LIV. 4.º ODE 6.ª)

As  
neves  
fugiram  
eis que voltam  
aos campos relvas,  
assim como fôlhas  
às árvores. Mudando,  
a terra toma outra face;  
também os rios baixando  
se deslizam ao longo das margens  
com as ninfas e irmãs suas a Graça  
— nua — já os coros se atreve a puxar.  
O ano e a hora  
que roubou o almo  
dia avisam que debes  
a morte esperar.  
Mitigam as brisas  
o frio; — o verão  
mata a primavera,  
de vendo finar-se  
mal frutos derrame  
o outono pomífero;  
e o inerte inverno  
ei-lo a apresentar-se.  
Contudo, apressadas  
as luas reparam  
os danos celestes;  
nós quando baixamos  
onde o pio Enéias,  
rico Túlio e Anco  
repousam, à sombra  
e pó nos tornamos.  
Quem sabe se os  
deuses supremos  
ajuntam à soma  
hodierna tempos que  
hão de vir? Sòmente

o que deres, com  
ânimo franco, há de  
às mãos do herdeiro  
á v i d a s f u g i r.

Quando pereceres, e tua sentença  
Minos pronunciar, não há, Torquato,  
eloqüência, nobreza, virtude  
que a vida te chame, porquanto  
nem Diana o Casto Hipólito  
livra de infernais trevas  
nem Teseu ao caro  
Pirítoo os laços  
quebrar pode  
da forte  
morte  
Ah!